

EPISÓDIO 21: CIÊNCIA E DIPLOMACIA PARA A SAÚDE GLOBAL

Esta transcrição foi gerada pelo software de transcrição Trint e editada pelo pessoal da TDR. A Organização Mundial de Saúde não é responsável pela exactidão da transcrição.

Garry Aslanyan [00:00:08] Olá e bem-vindo ao episódio final da segunda temporada do podcast Global Health Matters. Sou seu anfitrião, Garry Aslanyan. Ao longo da segunda temporada, tivemos discussões com 20 convidados de 15 países sobre tópicos que vão desde saúde de migrantes, corrupção e carreiras globais em saúde. TDR e eu estamos muito animados em anunciar que, devido ao forte apoio de vocês, nossos ouvintes, teremos nossa terceira temporada a partir de abril deste ano. Estou entusiasmado com essa notícia. Nos próximos meses, apresentaremos tópicos e questões ainda mais interessantes em saúde global que exigem reflexão, discussão e debate. Pouco antes de começarmos o show, você pode me fazer um grande favor? Clique no botão SEGUIR ou INSCREVER-SE em seu aplicativo de podcast e você nunca perderá um episódio.

Garry Aslanyan [00:01:06] Neste episódio, discutimos o papel da diplomacia científica na ação global de saúde. Este é um tópico que me preocupa, pois vi em primeira mão como a diplomacia científica tem apoiado o avanço da saúde pública e global em várias áreas. Como você ouvirá os convidados deste episódio, a diplomacia científica promove a cooperação internacional e aborda questões de interesse geopolítico. Para discutir esse assunto, tenho a companhia de Ilona Kickbusch e Aída Mencía Ripley. Ilona é diretora fundadora do Centro Global de Saúde do Instituto de Pós-Graduação em Genebra e uma conceituada especialista em diplomacia da saúde global. Aída é vice-reitora de Pesquisa e Inovação da Universidade Iberoamericana na República Dominicana. Ela compartilhará um estudo de caso perspicaz de como a diplomacia permitiu que sua universidade contribuísse para a resposta nacional do COVID. Oi Ilona! Oi Aída.

Aída Mencía Ripley [00:02:20] Oi.

Ilona Kickbusch [00:02:21] Oi. Olá.

Garry Aslanyan [00:02:22] Obrigado por participar hoje. Então, vamos começar, Ilona e Aída, com vocês compartilhando uma experiência em sua carreira em que a ciência e a diplomacia se complementaram na conquista de uma meta ou na condução de uma mudança?

Ilona Kickbusch [00:02:35] Bem, obrigado por isso. E, claro, na diplomacia global da saúde, há muitas situações em que a ciência e a evidência são absolutamente essenciais para avançar. Mas a questão que realmente está em minha mente é a Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco. E por um longo período, a OMS quis um acordo internacional sobre a regulamentação do tabaco, o que era muito difícil de avançar, apesar de muitas pesquisas e evidências disponíveis. E então houve um verdadeiro avanço nas evidências científicas relacionadas ao tabagismo passivo e ao impacto nas crianças. E esses dados e essas evidências realmente fizeram uma diferença significativa no início das negociações. Então, essa questão de, na saúde, saber que algo é perigoso, saber que precisa de normas, saber que precisa de um acordo internacional, mas ainda não ter todos do lado; você pode realmente ter avanços quando um certo tipo de evidência chega à mesa e depois leva as negociações a um novo nível para evitar danos.

Garry Aslanyan [00:03:57] Esse é um ótimo exemplo. Aída, qual é a sua experiência com isso?

Aída Mencía Ripley [00:04:01] Para nós da UNIBE, a pandemia de COVID. Como você sabe, em um pequeno país do Caribe, pudemos usar a diplomacia científica para construir algumas pontes e fornecer ao país alguns dos primeiros dados sobre o sequenciamento de COVID, por exemplo, sequenciamento genômico. Na verdade, fomos um dos primeiros países da região a fazer isso, graças a algumas dessas colaborações internacionais, e pudemos usar essas informações, pois alguns de nossos cientistas seniores faziam parte do Conselho Consultivo da COVID. Assim, conseguimos levar as coisas do laboratório para as políticas públicas de forma relativamente rápida e, claro, trabalhar com o Estado na resposta nacional do COVID.

Garry Aslanyan [00:04:42] Ótimos exemplos de vocês dois. Ilona, se estivéssemos analisando as questões atuais em questão, temos na ciência da saúde global, a diplomacia da pesquisa. Eles poderiam se unir para contribuir para alcançar a saúde global. De que outras maneiras podemos ver isso se unindo.

Ilona Kickbusch [00:04:59] Bem, Garry, a ciência e a evidência são muito importantes porque muitos problemas globais de saúde também estão sujeitos à ideologia. Portanto, ser capaz de nos unir e criar um consenso global também significa que temos que superar a ideologia e precisamos ter dados muito, muito bons. E podemos ver isso ao longo dos anos, particularmente em questões relacionadas à saúde sexual no sentido mais amplo da palavra. Se você pensar em HIV/AIDS, em muitos dos acordos internacionais, no acesso a medicamentos, etc. para grupos estigmatizados de pessoas só era possível porque tínhamos a ciência concreta. Muitas dessas questões que negociamos em um nível global, onde os países vêm de origens culturais, ideológicas e religiosas muito diferentes, precisam de fortes evidências e ciência para poder chegar a um consenso diplomático. Portanto, acho que questões específicas também estão relacionadas à equidade, onde podemos mostrar quais são os grupos vulneráveis. Por que eles são vulneráveis? Por que precisamos nos concentrar em determinadas questões de uma certa maneira para alcançar esses grupos vulneráveis? Dependem da ciência e das evidências. E isso, é claro, não significa apenas evidências médicas, porque muitas vezes quando dizemos ciência, Garry, pensamos em medicina e pensamos em virologia e todos esses tipos de coisas, como recentemente durante a COVID-19, mas igualmente importantes são as ciências comportamentais, as ciências políticas, em alguns casos até mesmo a geografia e outras coisas que precisamos entender melhor para obter um bom consenso sobre as respostas de saúde.

Garry Aslanyan [00:06:54] Esses são ótimos pontos. Para acompanhar isso, quão bem-sucedidos somos nessas questões complexas? Qual é a tendência no momento em termos de questões mais delicadas e de resolver isso por diplomatas? E também por que esse papel crítico da ciência não médica ainda está atrasado e seu papel ou seu uso talvez estejam atrasados, ou pelo menos há uma percepção de que há um atraso.

Ilona Kickbusch [00:07:28] Em primeiro lugar, acho que devemos dizer que estamos em uma situação difícil no momento. Vimos durante a COVID-19 e talvez Aída também queira acrescentar algumas coisas aqui, que tem sido muito difícil convencer as pessoas, incluindo os formuladores de políticas, sobre certas abordagens. E estamos em uma situação em que a confiança na ciência e na formulação de políticas não é tão forte quanto talvez fosse há 10 ou 20 anos. Então, nós realmente precisamos trabalhar nessa confiança. Precisamos trabalhar na alfabetização em saúde. Precisamos trabalhar na alfabetização científica, tanto da população em geral quanto dos formuladores de políticas e diplomatas. E é absolutamente fundamental que os diplomatas, cada vez mais, à medida que são treinados, também adquiram uma compreensão da ciência, porque isso não é apenas em relação à saúde como falamos sobre ela, mas, por exemplo, à ciência climática. E a ciência climática também é desafiada repetidamente. E, claro, o clima tem impactos significativos na saúde. Então essa seria uma resposta para a primeira parte da sua pergunta. Estamos em um ponto crítico e algumas coisas são

mais difíceis também porque vemos que as vozes de países que não aceitam os direitos das mulheres, por exemplo, estão ficando mais fortes. E vemos que o consenso em torno das mulheres, da saúde e dos direitos sexuais e reprodutivos está ficando mais difícil. E temos companheiros de cama muito estranhos nesse contexto. Sua outra pergunta sobre as ciências comportamentais e sociais e políticas é um problema constante que está na SARS, no Ebola, na varíola, o que quiser. Existe conhecimento, há especialistas em como você fala com as comunidades, como você entende a cultura, mas o domínio das ciências médicas ainda é muito forte e essa ideia maluca de que qualquer coisa em ciências sociais é fraca, é suave. Você sabe, algumas pessoas chamam isso de ciências sociais, como se essas ciências não trouxessem dados incrivelmente concretos que fizessem a diferença. Então, só para dar um exemplo, descobrimos que a confiança, a confiança no governo, a confiança nas instituições, a confiança nos outros, nos seus vizinhos e na sua comunidade é um dos principais fatores para uma resposta à COVID-19, uma resposta bem-sucedida à COVID-19. Agora, esses são dados concretos. Com base nesses dados sobre confiança, vimos que a vida e a morte dependiam, e essas são coisas que realmente precisamos abordar seriamente ao falar sobre ciência.

Aída Mencía Ripley [00:10:23] Eu só queria acrescentar algumas ideias a isso. Eu concordo totalmente. Acho que a saúde global está completamente medicalizada neste momento e acho que algumas das nuances que as ciências sociais e comportamentais trazem para a mesa são cruciais porque temos a ciência e as intervenções, mas precisamos ser capazes de entender os contextos socioeconômicos e políticos das pessoas para garantir que encontremos pessoas no meio do caminho, especialmente quando pedimos que elas façam grandes mudanças em seu modo de vida, como fizemos durante a pandemia. Um de nossos estudos no início da pandemia, coincidentemente, também estava relacionado à questão da confiança. Descobrimos que a confiança nas instituições públicas estava diretamente ligada aos sintomas de saúde mental nas pessoas. Portanto, o grau de ansiedade que eles sentiam em relação ao vírus e sua capacidade de lidar com ele estava intimamente ligado ao quanto eles podiam confiar em nossas instituições públicas para administrá-lo. Então, acho que as nuances que as ciências sociais, comportamentais e políticas trazem para a mesa são cruciais. E como Ilona estava dizendo, especialmente com questões de direitos das mulheres e direitos reprodutivos das mulheres, esses contextos culturais se tornam cada vez mais importantes para que possamos garantir que a ciência pesada chegue a todos.

Garry Aslanyan [00:11:40] Se eu puder ficar com você, Aída. Você mencionou como os esforços da diplomacia científica ajudaram na resposta da República Dominicana ao COVID. Quero saber mais sobre qual foi o papel da universidade e o papel crítico que você desempenhou e como exatamente isso aconteceu. Eu sei que muitos de nossos ouvintes trabalham na academia.

Aída Mencía Ripley [00:12:00] Nossa universidade teve um foco internacional desde o início, então sempre tivemos um relacionamento muito próximo com o corpo diplomático do país. Então, logo no início da pandemia, confiamos não apenas em nosso programa de pesquisa e também, é claro, em programas acadêmicos, que precisavam ser on-line e assim por diante, mas imediatamente começamos a bater em portas em assuntos internacionais para dar uma olhada em nossos parceiros e ver onde poderíamos colaborar. E isso incluía confiar nessas relações, mas também aproveitar relações mais diretas entre pesquisadores. Nossa embaixada, por exemplo, na Itália, estava muito envolvida. Nós meio que aproveitamos nossos pontos fortes com nosso relacionamento próximo com o corpo diplomático do país e levamos essas conversas ao nível diplomático. Nunca tínhamos feito isso e, definitivamente, não de forma tão agressiva quanto fizemos durante a pandemia. Mas realmente sentimos que precisávamos trabalhar em tempo recorde e, claro, passar por canais diplomáticos para garantir que chegássemos às pessoas certas na hora certa, o que felizmente fizemos. E essas relações também foram cruciais para aumentar nossa capacidade clínica e de pesquisa instalada. Então, na verdade, conseguimos, e éramos a única universidade, que realizou testes de COVID no auge da

pandemia. Então, em um momento em que realmente precisávamos de mais recursos para atender às demandas nacionais de testes, conseguimos nos conectar à rede pública de laboratórios. Mas esse foi realmente o mecanismo, pelo qual passamos diretamente pelos canais diplomáticos para trabalhar nele.

Garry Aslanyan [00:13:43] Portanto, a pandemia lhe deu a chance de realmente fazer coisas que talvez você não planejasse fazer ou não... Ilona, o que Aída acabou de compartilhar realmente demonstra a necessidade dos relacionamentos e o quão importantes eles são. Você tem algum conselho para cientistas em termos de como eles podem desenvolver capacidades para uma melhor colaboração científica, para uma melhor colaboração global e também para se relacionar com o mundo diplomático que existe?

Ilona Kickbusch [00:14:16] Bem, Garry, acho que na última década, vimos a colaboração científica realmente se expandir exponencialmente. E durante a COVID-19, vimos muito disso, e também vimos que algumas das formas usuais de abordar a publicação de resultados, etc., mudaram significativamente. Você sabe, novos métodos de publicação antecipada, revisão por pares, etc. O que não foi feito de forma significativa na medida em que deveria ter acontecido foi essa interdisciplinaridade. Definitivamente, embora houvesse muita cooperação entre as ciências médicas, os virologistas, você sabe, os epidemiologistas, etc., etc., a participação também nos órgãos consultivos que as organizações internacionais e os países criaram, a integração das ciências sociais, comportamentais e políticas era muito raramente feita. Portanto, essa experiência não foi usada o suficiente, e espero que os colegas das ciências médicas tenham entendido melhor o quanto isso é necessário. Basta pensar no impacto de informações falsas e da infodemia, uma área em que você realmente precisa das ciências sociais. Acho que a outra coisa que muitos cientistas tiveram que aprender durante a pandemia foi como você realmente se comunica com os formuladores de políticas, com o público em geral e com a mídia? E, portanto, você sabe, dessa forma, temos de conversar uns com os outros como cientistas, desafiar uns aos outros, dizer por que não olhar para as coisas dessa maneira, etc., isso pode ser muito desorientador, por exemplo, para um público em geral ou para um político que precisa tomar uma decisão. E, portanto, precisamos começar a entender como nos comunicamos enquanto continuamos a desafiar constantemente a nós mesmos e aos outros. Há um novo nível de transparência e debate aqui que é absolutamente necessário, e agora, ainda mais, como discutimos anteriormente, que a confiança na ciência diminuiu e, portanto, acho que todo cientista tem a responsabilidade e cada universidade tem a responsabilidade de realmente alcançar a comunidade, não apenas em tempos de crise, mas em geral, com a comunidade, com as escolas, com os parlamentares, de ter diálogos sobre ciência. E isso, é claro, como Aída também disse, em nível internacional, significaria que cientistas envolvidos em questões globais de saúde também estão em contato regular com os diplomatas de seus países para poder aconselhá-los. Se eu acho que, você sabe, houve muitas negociações importantes este ano na ONU relacionadas à saúde, pandemias, cobertura universal de saúde, tuberculose, acho que seria bom se os diplomatas que negociam conhecessem a base de evidências dessas negociações, e isso não é feito de forma sistemática o suficiente. Portanto, os cientistas devem insistir e não apenas esperar até serem convidados para a mesa.

Garry Aslanyan [00:17:54] Mudando um pouco para algo sobre o qual você escreveu um artigo, Aída. Em 2021, em *Frontiers*, você e seus colegas defendem a descolonização da diplomacia científica. Quais são os desafios enfrentados pelos países do Sul quando se trata de seus esforços diplomáticos? Eles são diferentes? Que papel, digamos, a colaboração Sul-Sul desempenharia nesse esforço?

Aída Mencía Ripley [00:18:23] Acho que um dos desafios é que continuamos priorizando a colaboração Norte-Sul, e um grande número de fontes de financiamento exige esse relacionamento, e acho que isso, sem querer, nos levou a ignorar a colaboração Sul-Sul. Mas não há tantos programas de financiamento para a colaboração Sul-Sul, então você naturalmente se enquadra na colaboração Norte-Sul anterior, o que é bom, o que é ótimo, mas não deve ser a única maneira de nos envolvermos. E acho que, nesse sentido, algumas dessas relações, e é por isso que falamos sobre a descolonização da diplomacia científica, algumas dessas relações meio que se estabelecem de uma forma muito semelhante. Tem um tipo de estrutura de ajuda muito semelhante. A autoria e o trabalho mais sofisticado são liderados por países do Norte Global e nossos países atuam mais como locais de pesquisa. Acho que isso é um pouco do que precisa mudar. Os rankings internacionais também, eu acho, colocam alguma pressão indevida sobre as relações Norte-Sul. E, novamente, acho que as universidades do Sul Global precisam ser mais intencionais em suas políticas para priorizar a colaboração Sul-Sul. Acho que em algum momento isso também exigirá a criação de alguns programas de financiamento para a colaboração Sul-Sul. Mas acho que essas são as principais pressões. Uma coisa interessante, enquanto conversávamos com diplomatas durante a pandemia, foi que muitos deles ficaram realmente muito satisfeitos por poderem ir aos países onde atuam como diplomatas e discutir a colaboração com nosso país, em condições mais ou menos iguais com instituições acadêmicas. Como falávamos muito sobre o que estávamos fazendo na ciência, eles sentiram que poderiam se sentar à mesa e negociar condições mais iguais. Então, eu definitivamente concordo com Ilona sobre como os pesquisadores e a academia não precisam esperar para serem convidados, mas, você sabe, sentar-se à mesa.

Garry Aslanyan [00:20:33] Provavelmente há muitos equívocos entre os cientistas ou uma espécie de barreira em termos de como realmente entrar nesse mundo diplomático que ajuda nessa colaboração Sul-Sul, por exemplo. Definitivamente, é necessário quebrar esses mitos e promover essa abordagem. Obrigado por essa reflexão, Aída. Ilona, a pandemia em termos gerais foi, como você disse, uma grande oportunidade de solidariedade, colaboração científica. Se você refletisse sobre a pandemia e olhasse para o futuro, qual é o papel da ciência e da diplomacia científica?

Ilona Kickbusch [00:21:13] Aída, aludiu a algumas dessas coisas que, antes de tudo, deve haver um forte apoio às instituições acadêmicas e de pesquisa e às instituições científicas, elas nem sempre são as mesmas. Você sabe, pense em laboratórios e outras coisas. Pense em fortes Centros de Controle de Doenças do CDC, por exemplo. Portanto, isso precisa do apoio de organizações internacionais e fontes de financiamento. Precisa de apoio em termos de apoio bilateral, tanto Norte-Sul quanto Sul-Sul, mas também precisa de apoio dentro dos países. Mas isso não ocorre apenas na esfera pública em termos de universidades públicas ou centros públicos de controle de doenças e coisas assim. Também existe, é claro, a necessidade de apoiar, ouvimos dizer, os centros de produção. Precisamos analisar as cadeias de suprimentos de novas maneiras. Precisamos ter certeza de que também a pesquisa feita no setor privado seja levada em consideração. Eu faço parte do conselho da FIND, a Foundation for Innovative Diagnostics, e muitas pesquisas para diagnósticos são feitas no setor privado. Pense na Índia, onde muitas pesquisas sobre vacinas são feitas em empresas privadas. Então, é uma mistura muito variada, se eu posso chamá-la assim, e isso deve, na verdade, à medida que nos descolonizamos de certa forma, proporcionar novas oportunidades fantásticas para pesquisadores do Sul Global realmente permanecerem em seus países, voltarem para seus países, as diásporas são incrivelmente importantes aqui e eu conheço alguns colegas que trabalham no Norte Global que regularmente voltam ao seu país de origem, passam vários meses lá para treinar jovens cientistas. Então esse é o único lado da imagem. O outro lado da imagem, que seria uma discussão muito maior, é na verdade a questão do compartilhamento do conhecimento. E o que estamos vendo é que, à medida que a saúde se torna mais geopolítica, também o compartilhamento de resultados de saúde, de resultados de pesquisas, está se tornando mais político. Tem um enorme impacto econômico. Basta pensar em todos os lucros

obtidos com a produção de vacinas. Pense na importância da produção de vacinas para a economia da Índia. Então, o que estamos realmente vendo é que, como a ciência e a pesquisa estão se tornando parte da competição global, o compartilhamento sobre o qual falamos anteriormente em termos de colaboração pode, na verdade, se tornar mais difícil. Portanto, não é apenas uma questão de propriedade intelectual, é também, você sabe, todo o processo de desenvolvimento em que não se está mais disposto a compartilhar tanto quanto se fazia, e você obtém tanto uma securitização da ciência e da pesquisa quanto, em alguns casos, nos piores casos, uma transformação disso em uma arma. E é por isso que é tão perigoso se estamos meio que dissociando o mundo novamente de uma forma, como estamos fazendo em blocos, em que você meio que obtém a soberania científica de uma forma estranha que realmente impede a colaboração. Como vimos, durante o COVID, vimos países não compartilhando dados, vimos países não compartilhando os resultados de suas pesquisas. E isso é ruim para todos.

Garry Aslanyan [00:24:54] Aída, o que está acontecendo, digamos que se você tomasse a República Dominicana e, em nível nacional, há algum esforço feito no que Ilona mencionou em termos de capacidade institucional e quando se trata de diplomacia científica e o que é necessário, você acha? Compartilhe isso com nossos ouvintes, por favor.

Aída Mencía Ripley [00:25:13] Nosso programa nacional de subsídios tem sido muito explícito sobre a inclusão de cientistas da diáspora e da diáspora em nossos esquemas nacionais de financiamento. Então, eles realmente criaram mecanismos específicos por meio dos quais essas colaborações podem ser aprimoradas e incluídas em subsídios nacionais. Esse sistema nacional de subsídios sempre teve esse desejo muito forte de se conectar e conseguiu estabelecer algumas políticas para fazer isso. Acho que instituições, instituições acadêmicas estão cada vez mais conscientes. Acho que a COVID acabou de trazer à tona a necessidade de fazer mais diplomacia científica, mas acho que em nível nacional, talvez uma política de diplomacia científica, o que algumas pesquisas mostram é que, especialmente na América Central e no Caribe, existe tanta heterogeneidade entre os países, e alguns países estão fazendo diplomacia científica em nível ministerial, enquanto outros têm departamentos diferentes em ministérios diferentes, então há muita sobreposição de funções e funções, então há muita sobreposição de funções e funções, então Acho que uma forma organizada de fazer isso seria por meio de uma diplomacia científica nacional. política, em que os papéis e expectativas são claros para todos. Acho que estamos nos movendo lentamente para isso. O fato de nosso programa nacional de subsídios ter priorizado a diplomacia científica é um sinal muito, muito bom. Acho que chegaremos lá em breve.

Garry Aslanyan [00:26:33] Talvez uma última palavra. Vou começar com Ilona. Você está otimista ou pessimista sobre o futuro da colaboração global e/ou da diplomacia científica?

Ilona Kickbusch [00:26:45] Isso é muito difícil de responder, Garry. Acho que estamos em um ponto de inflexão. O mundo mudou. O mundo mudou por meio do COVID. Mas o mundo também mudou porque o Sul Global, se é que posso usar esse termo, tem uma voz muito, muito mais forte. Se você observar a agenda, por exemplo, do G20 da Índia, a ser seguido pelo G20 Brasil e depois pelo G20 da África do Sul, veremos uma mudança fenomenal na forma como as prioridades são definidas na saúde global e na colaboração científica global, porque todos esses três países de renda média, se eu os chamo assim, são absolutamente centrais e muito bons em pesquisa e ciência e são líderes em seu campo. Quero dizer, basta pensar na Fiocruz no Brasil. Quero dizer, experiência inacreditável. Pense nas universidades indianas. Pense na África do Sul apenas durante o COVID nas contribuições que eles fizeram e depois foram punidos. Isso vai mudar o jogo. Então, olhando para isso, estou otimista. Estou preocupado com certos desenvolvimentos no Norte Global porque não sabemos como a política americana vai se desenrolar nos próximos quatro anos. Estou preocupado, como indiquei, com a concorrência extrema com a China e aqui também a Europa precisará se posicionar. E a diplomacia

científica e a colaboração científica serão questões realmente importantes aqui, porque se você pensar no passado durante a Guerra Fria, os cientistas se uniriam, mesmo que seus políticos não o fizessem e mesmo que seus diplomatas não o fizessem, mas agora veremos que, como a ciência se tornou tão securitizada até certo ponto, também será difícil ter cooperação científica se começarmos a ter novos blocos que não funcionem uns com os outros. E, claro, por meio da invasão russa da Ucrânia, também há um limite entre a ciência russa e a cooperação internacional neste momento. Então, acho que no lado Sul Global, há motivos para ser otimista e veremos uma mudança no sistema. Tenho certeza absoluta disso. Mas vejo alguns desses outros perigos que são de natureza geopolítica mais ampla que também podem influenciar a ciência e a diplomacia da saúde de forma bastante significativa e negativa.

Aída Mencía Ripley [00:29:36] Eu concordo totalmente com a Ilona. Acho que o que estamos vendo no Sul Global é motivo para otimismo. Eu acho que, no final das contas, se você está nesse tipo de empreendimento científico, é porque você tem esse tipo de otimismo teimoso sobre as pessoas avançando e avançando juntas. Acho que esse é o nosso DNA e é por isso que fazemos isso. Mas eu acho que o otimismo, é claro, tem que ser temperado por todos esses tipos de questões macrogeopolíticas que Ilona mencionou. Para mim, em uma instituição em um dos países do Sul Global, acho que vimos um avanço muito rápido durante o COVID em termos de como as universidades se envolveram com políticas públicas e com parceiros internacionais. Estou preocupado que tenhamos nos tornado um pouco negligentes com isso agora. Portanto, o COVID não é uma ameaça como costumava ser e que cometemos o erro de não continuar com esses esforços. Então, acho que precisamos aproveitar essa capacidade instalada e garantir que continuemos a desenvolvê-la.

Garry Aslanyan [00:30:41] Obrigado Aída, obrigada Ilona, por essa ótima conversa e tenho certeza de que acompanharemos essa área enquanto trabalhamos para alcançar as metas globais de saúde que temos. Obrigado por participar hoje.

Ilona Kickbusch [00:30:54] Muito obrigado por nos receber.

Aída Mencía Ripley [00:30:56] Obrigado por nos receber.

Garry Aslanyan [00:31:01] Ilona e Aída capturaram vários aspectos importantes a serem considerados em relação à diplomacia científica na saúde global. Primeiro, saindo da pandemia, é essencial reconstruir a confiança do público na ciência e na formulação de políticas. Uma maneira de fazer isso é aprimorando a compreensão da ciência por diplomatas e formuladores de políticas. Em segundo lugar, promover relacionamentos fortes e um bom diálogo entre cientistas e diplomatas pode levar a um impacto em nível nacional. E terceiro, por mais que a colaboração Norte-Sul alcance o progresso científico, construir colaborações Sul-Sul é fundamental para nossos esforços para descolonizar a saúde global. Antes de terminarmos esse episódio, vamos ouvir uma mensagem que recebi de Zulfeya no Tajiquistão.

Zulfeya (Tajikistan) [00:31:53] Quando conheci o Dr. Garry Aslanyan, sei que ele é uma pessoa maravilhosa, um apresentador fantástico do podcast Global Health Matters e do podcast em que o Dr. Garry levanta muitas questões de saúde pública. Gosto de seu discurso simples e compreensível. É extremamente importante para mim, epidemiologista do Tajiquistão. As transcrições em russo me ajudam a detectar as mensagens perdidas. Para mim, o podcast Global Health Matters traz uma oportunidade incrível de aprender com pessoas dedicadas, mudar de ideia e levar à ação. Obrigado, Dr. Garry.

Garry Aslanyan [00:32:35] Obrigado, Zulfeya, e obrigado a todos os nossos ouvintes por seu apoio contínuo a este podcast. Para saber mais sobre os tópicos discutidos hoje, visite a página do episódio, onde você encontrará leituras adicionais, notas de shows e traduções. Não se esqueça de entrar em contato conosco via mídia social, e-mail ou compartilhando uma mensagem de voz com suas reflexões sobre esse episódio.

Elisabetta Dessi [00:33:02] O Global Health Matters é produzido pelo TDR, um programa de pesquisa de doenças infecciosas baseado na Organização Mundial da Saúde. Garry Aslanyan, Lindi Van Niekerk e Maki Kitamura são os produtores de conteúdo, e Obadiah George é o produtor técnico. Esse podcast também foi possível com o apoio de Chris Coze, Elisabetta Dessi, Izabela Suder-Dayao, Noreen O'Gallagher e Chembe Collaborative. O objetivo do Global Health Matters é fornecer um fórum para compartilhar perspectivas sobre questões-chave que afetam a pesquisa global em saúde. Envie-nos seus comentários e sugestões por e-mail ou mensagem de voz para TDRpod@who.int e não se esqueça de baixar e assinar onde quer que receba seus podcasts. Obrigado por ouvir.